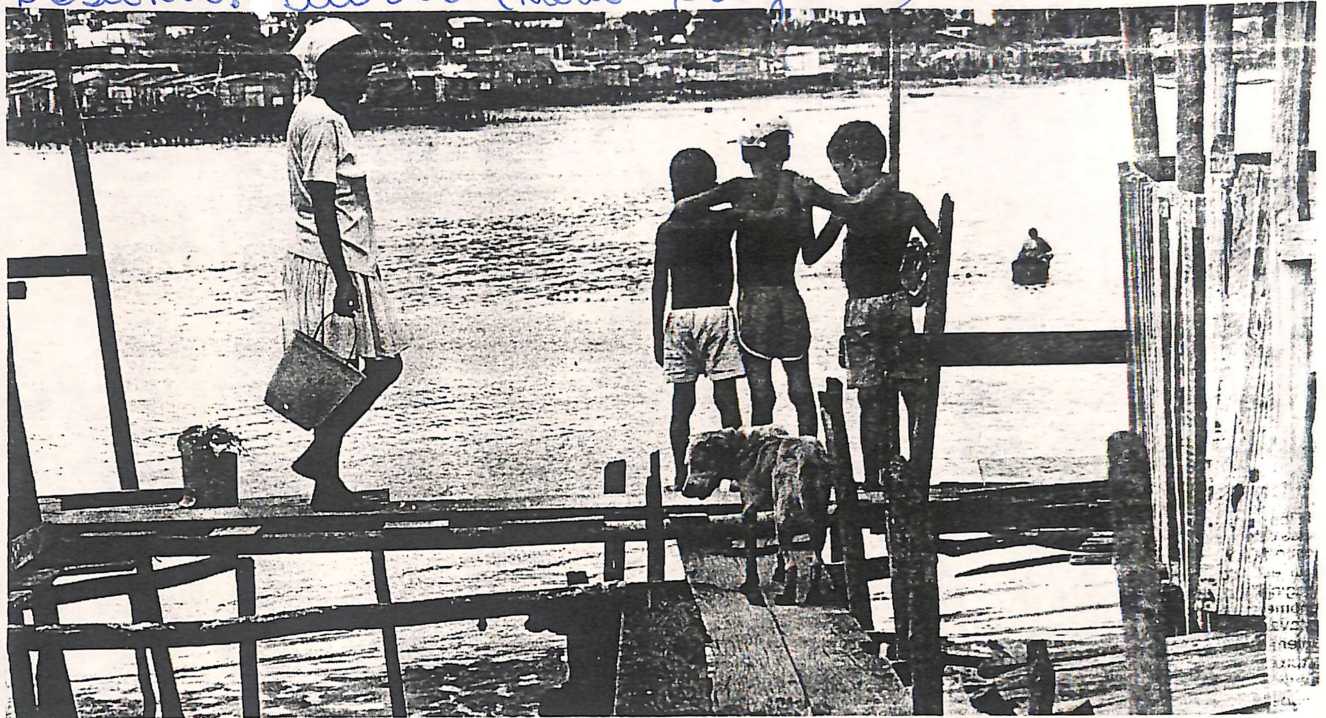




Além da miséria presente em cada casa de Novos Alagados, matando muitos de fome e doenças, as "pontes" causam vítimas diariamente

Morar em Novos Alagados exige equilíbrio e muito bom humor

Morar em Novos Alagados é uma aventura diária para quem tem muito equilíbrio. Crianças, bêbados e donas-de-casa disputam um mesmo espaço sobre o mar nas pontes que servem de "playground" e pista de acesso para centenas de barracos. Romantismo e miséria social numa área que tem servido de um suspeito ponto turístico na terceira maior capital do País. Antenas feitas com a utilização de lâmpadas fluorescentes, rádios mal sintonizados que tocam de rock pesado a músicas sertanejas, multirões por todos os lados, aliados a constante pesca de mariscos sob a lama de

odor acre, parece que o bairro nasceu para servir de tema para compositores e artistas plásticos. A realidade, no entanto, é muito mais dura que as telas ou músicas podem retratar.

Nos últimos seis anos, quatro crianças já morreram em decorrência da queda das pontes sustentadas pelas palafitas. Os acidentes se repetem diariamente e são muitas as histórias de pessoas feridas, mulheres que tiveram pernas amputadas e mesmo a estranha história de uma menina que perdeu a virgindade, segundo contam alguns moradores. A dona-de-casa Jacira Silva Santos teve

que socorrer por três vezes a filha de sete anos depois de ela despencar das armações de madeira. Na última vez, não fosse um vizinho que se jogou na maré cheia para salvá-la, poderia ter sido muito mais grave. Resultado: a menina teve que ser transferida para a casa de uma amiga na Massaranduba.

Ao todo são 58 pontes em Novos Alagados, somadas a outras dezenas que ainda insistem em continuar enfiadas na Alagados mais antiga, no Uruguai. Andar sobre as tábuas velhas de madeira, onde inexistia local onde apoiar as mãos,

não é coisa para principiantes. As armações não têm qualquer estabilidade e as casas, do mesmo jeito, balançam conforme a direção do vento ou o peso do morador. "Bêbado aqui cai toda hora", brinca um morador enquanto descansa sentado, apreciando as águas calmas e sujas da baía. Nesse mesmo mar são atirados os dejetos das casas, seja através do sanitário, onde o vaso é substituído por um buraco na madeira, ou mesmo pela janela, servindo também como meio de sobrevivência para centenas de moradores, que retiram o sustento dos mariscos e siris resistentes à poluição.

Solução não é apenas aterrar

Para o observador leigo, a situação no local poderia ser simplesmente resolvida com o entulhamento da área das palafitas, assim como foi feito em Alagados e mesmo em algumas ruas do jovem bairro de Novos Alagados. O problema, no entanto, é muito mais grave e enfrenta, sobretudo, o desinteresse das autoridades, conforme denuncia o diretor da Sociedade 1º de Maio, Antônio Aldebaran, mais conhecido como Bitonho, também coordenador do Movimento de Defesa dos Favelados. Ele reclama do abandono total do bairro, que sobrevive graças ao esforço e à aventura dos 23 mil moradores — a mesma população de uma pequena cidade como Simões Filho —, 20 mil em cima das palafitas.

As obras para benefício do bairro

são, na maioria, feitas em mutirão — a exemplo do aterro do Boiadeiro, feito pela população —, que utiliza geralmente os finais de semana para esse propósito. Grande parte da população, também, está desempregada ou vivendo de "bicos". Segundo Bitonho, mais de 80% dos habitantes do bairro sobrevivem com menos de 70% de um salário mínimo. "Nós pedimos por diversas vezes ao prefeito que canalizasse todo o lixo limpo — entulho — para que fosse jogado aqui no bairro, mas ele se negou, afirmando ser uma questão ambiental e que o CRA tinha dado parecer negativo", contou Bitonho, esclarecendo que o CRA sempre sinalizou favoravelmente ao aterro da área.

Por outro lado, muitos apostam que resolver o problema das casas de pala-

fitas com o aterro seria permitir que outros barracos fossem construídos sobre o mar, num ciclo vicioso sem fim. No entanto, o abandono de Novos Alagados acaba por permitir a existência de um "bolsão" de miséria encontrado na cidade, onde a cada dia multiplicam-se os casos de doença de pele, problemas respiratórios e de cicatrizes — resultado das quedas e que são como uma identificação para as crianças que habitam o bairro —, além de leptospirose e cólera. "É provável que as autoridades estejam desinteressadas com a nossa situação para poder manter Novos Alagados como ponto turístico", aposta o líder comunitário, já que o bairro tem sido fonte de inspiração constante de artistas, além de já fazer parte da paisagem da Baía de Todos os Santos.

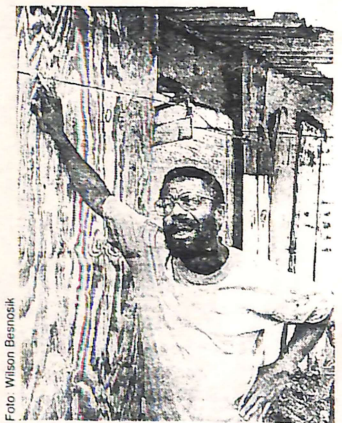


Foto: Wilson Bezerra

"Bitonho" pede mais atenção